

Noções de identidade na comunidade do Engenho Velho de Brotas

Adilane dos Santos¹
Clezilda Santos
Heloisa da Silva
Sheila Santana



pesquisa-ação *Noções de identidade na comunidade do Engenho Velho de Brotas* vincula-se ao programa de extensão *Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares*, cuja finalidade é permitir a aproximação de dois territórios: a Comunidade, como espaço de culturas e saberes múltiplos, e a Universidade, como espaço de construção de um conhecimento legitimado, mas muitas vezes dissociado da vida cotidiana.

Neste contexto, o projeto *Noções de identidade* intentou estabelecer uma ação educativa interventora, a fim de potencializar a troca de saberes e experiências para discutir teoricamente as noções de identidade, mas, sobretudo, estimular o processo de identificação e auto-identificação dos sujeitos da comunidade do Engenho Velho de Brotas com identidades que muitas vezes são marginalizadas socialmente, a exemplo dos traços de negritude que também constituem os sujeitos que moram naquela localidade, identificada como quilombo urbano. Essas identificações subalternizadas quando não são recalcadas, são muitas vezes construídas com base em estereótipos, culminando em uma rejeição dessas identidades, assim, segundo SILVA (2004:36): “A ideologia da inferiorização, além de causar auto-rejeição, a não aceitação do outro assemelhado étnico e a busca ao branqueamento (...)”.

[...] As oficinas que são oferecidas trabalham com o reconhecimento da cultura étnico-racial, resgatam a auto-estima, ao discutir sobre a temática da Diáspora entre África e Brasil, além de debater o andamento das políticas públicas no Brasil para a população negra, e abordar como o racismo institucional está imbricado na maioria das ações governamentais, o qual norteia uma sociedade baseada no privilégio e na violação de direitos.

¹ Ex-Bolsistas do Projeto *Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares* e Graduandos em Pedagogia da Universidade Federal da Bahia.

Este trabalho foi desenvolvido numa comunidade em que a resistência negra e indígena é presente, um território em que os blocos afros, blocos de índios, afoxês, samba, e espaços de religião de matriz africana são referências de valorização da cultura afro-descendente, e estes elementos comunitários representam o movimento da vida, do cotidiano, da sobrevivência dos moradores, e utilizamos destes exemplos para potencializar, desenvolver o trabalho e atingir objetivos esperados.

Referencial teórico

Para a realização deste trabalho, utilizamos como base teórica as produções de Stuart Hall, Muniz Sodré, e Kabengele Munanga e Ana Célia da Silva, sobre o conceito de identidade e seus usos sociais.

Para Stuart Hall (2006:38):

“(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

Com base nas considerações de Hall, não podemos abordar a identidade como um todo imutável. Em vez de pensar na identidade como totalidade, como fixa, é necessário atentar para a identificação, já que ela se refere a um modo de ser no mundo com os outros, apontando para um produtivo caráter relacional. Diante disso, percebemos que à identidade precede uma interação, a partir de nosso exterior, perpassando pela idéia complexa de reconhecimento de “si mesmo” e do “outro”, uma vez que ela não é construída de forma isolada, necessitando de relações dialógicas.

Este é um aspecto central da pesquisa-ação realizada, pois se constatou que para muitos sujeitos da comunidade que participaram das atividades de formação propostas lhes foi negado um modelo positivo de identificação, isto é, o sistema social no percurso da História gerou grandes dificuldades nesse processo de identificação positiva e de pertencimento, já que foram erroneamente ensinados que para serem aceitos, seria necessário negar a “si mesmo”, “distanciando-se” dos grupos marginalizados com que são identificados, mas que não se sentem “pertencentes”. Para Silva (2004:31),

“O respeito às diferenças implica numa reciprocidade na igualdade de relações. Como não é possível estabelecer relações recíprocas de direitos e respeito (...) desenvolve-se toda uma ideologia justificadora da opressão e inferiorização, objetivando a destruição da identidade, da auto-estima (...)”.

É necessário também avançar na compreensão do que significa o termo *pertencimento*, sendo importante considerá-lo não apenas em sua

dimensão subjetiva e simbólica, mas, sobretudo, como sendo “o processo de incorporação e exteriorização de um sistema de atitudes que levam à constituição da identidade do agente e se materializa na posição em que se situa, em determinados campos sociais” (Sousa e Silva, 2003).

Os sujeitos sociais da comunidade pesquisada, ao reconhecerem-se através de uma identidade, tendem a estabelecer um sentido de pertencimento ao seu grupo de referência. Todavia, não podemos perder de vista, que quando falamos de identidade nada é simples ou estável, como afirma Louro (1999:12), “somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes”. Partindo desse pressuposto, podemos entender que somos sujeitos de muitas identidades, construídas a partir de nossa referência social, histórica e cultural. Assumir então uma identidade ou pertencer a um grupo pode tornar-se uma ação danosa, se não se valida outras identidades que atravessam esse mesmo indivíduo, mas também pode tornar-se uma ação estratégica, se há uma consciência da pluralidade de identificações que constitui o sujeito, assumindo assim uma identidade intencionalmente para marcar uma posição política de reconhecimento positivo, em especial de traços identitários que foram historicamente desprezados.

Apoiada nestas reflexões, a nossa pesquisa intentou desenvolver por meio de oficinas preparatórias para o vestibular, com o recorte na temática étnico-racial e gênero, estratégias para o enfrentamento do racismo e sexismo, a partir de uma relação dialógica que envolveu o respeito, cooperativismo, elevação da auto-estima e instrumentos que possibilitaram a valorização da cultura negra e indígena, conforme reitera Silva (2005:108): “Valorizar e respeitar a diversidade de manifestações culturais e artísticas dos moradores dos espaços populares é ato primordial de construção de uma sociabilidade urbana renovada”.

O trabalho norteou-se pelo princípio das ações afirmativas para demarcar estas práticas como instrumento de redução das desigualdades que se proliferam em nossa sociedade, principalmente porque os membros desta comunidade popular conviviam com diversas situações de discriminação, conforme se pôde apurar com o desenvolvimento do projeto, muitas das quais eles sequer sabiam como lidar ou tinham consciência de que estavam sendo lesados.

No que concerne a expressão “comunidade”, a mesma tem provocado várias discussões já que envolve questões complexas para sua definição passando por características econômicas, culturais, políticas e territoriais. De acordo com Muniz Sodré (1999:209), na palavra comunidade,

“ressoa a afinidade (territorial, lingüística, religiosa, etc.) que leva por isso mesmo os indivíduos a se diferenciarem uns dos outros no interior do mesmo grupo e, depois, de grupos diferentes. Ou seja, antes de ser o locus dos assemelhamentos ou das identidades estáveis, a comunidade é um operador de diferenciação, algo suscetível de gerar uma social”.

Consideramos neste contexto “comunidade popular” como o espaço heterogêneo em que se misturam diversos sujeitos cujas identidades são desfavorecidas nas relações sociais, constituída de indivíduos de baixa renda, com deficiências na área de infra-estrutura (saneamento, transportes, saúde, segurança...), com um alto índice desemprego e subempregos. Por todas essas questões, este é um espaço estratégico para a execução das Ações Afirmativas para que elas contribuam em um curto prazo com a elevação da auto-estima destes sujeitos e em longo prazo, na medida em que se transformam em políticas públicas, com a transformação desta realidade.

É necessário aqui o esclarecimento do conceito das Ações Afirmativas utilizada neste projeto, uma vez que esta noção se fundamentou nas discussões de Munanga e Gomes (2006:186) em “O negro no Brasil de hoje”, obra em que afirmam que

“As ações afirmativas podem ser entendidas como um conjunto de políticas, ações e orientações públicas ou privadas, de caráter compulsório (obrigatório), facultativo (não-obrigatório) ou voluntário que tem como objetivo corrigir as desigualdades historicamente imposta a determinados grupos sociais e/ou étnico/raciais com histórico comprovado de discriminação e exclusão”.

Partimos desse pressuposto para provocar um questionamento nos indivíduos envolvidos no projeto, a fim de que estes pudessem refletir sobre a negação de identidades marginalizadas que atravessam seu próprio corpo, mas que, pelas inúmeras dificuldades encontradas no cotidiano (desde o preconceito étnico ao preconceito geográfico), e já sabidas pelos membros da comunidade, são recalcadas. Depois dessa etapa buscamos exercitar o autoconhecimento e reconhecimento do outro como sujeito legítimo, através de um conjunto de referências simbólicas positivas que apresentamos ao grupo.

Em face da exclusão histórica sofrida por grupos marginalizados, como os negros e indígenas brasileiros, a adoção das medidas afirmativas, que terminam por ampliar aos grupos excluídos socialmente o exercício da cidadania, visam à construção da democracia, possibilitando a reparação de erros sociais cometidos ao longo dos séculos contra estes grupos, isto é, o reconhecimento de seus direitos, expondo as tensões, não para acirrar as diferenças, mas para confrontar, por exemplo, o “mito da democracia racial”, o qual veicula a existência de uma miscigenação pacífica, harmônica, e tem funcionado como um discurso ideológico que não apenas oculta a subordinação dos grupos historicamente excluídos, mas tem desmobilizado algumas medidas afirmativas.

A valorização da identidade através do Programa Conexões de Saberes

No plano metodológico, as oficinas preparatórias para o vestibular ocorreram a partir de intervenções educativas com aulas interativas e dialogadas, debates, leituras fílmicas, e músicas ressaltando os aspectos

etnicorraciais já presentes na comunidade do Engenho Velho de Brotas, que é um quilombo urbano, análise de textos relacionados com questões da atualidade, etnia, raça, gênero.

Essas intervenções educativas centradas nos tópicos raça e gênero propiciaram a problematização das questões trabalhadas no curso pré-vestibular, mantido pelo Programa Conexões de Saberes, que funcionou no ano de 2008 e 2009 dentro do Espaço Cultural Pierre Verger, situado na ladeira da Vila América, nº 18 - Engenho Velho de Brotas, nesta capital, tendo como público-alvo formado por jovens, adultos, daquela comunidade, que buscavam o aprimoramento dos seus conhecimentos para ingressar no vestibular, fazer concursos públicos, ou ainda, para resgatar conhecimentos os quais reconheciam como importantes, ou apenas para aprender e repassar para os filhos. Os encontros eram diários e o período de funcionamento das aulas era no turno noturno, no horário das 18h30min às 21h00minhs.

Analisamos que as oficinas que são oferecidas trabalham com o reconhecimento da cultura étnico-racial, resgatam a auto-estima, ao discutir sobre a temática da Diáspora entre África e Brasil, além de debater o andamento das políticas públicas no Brasil para a população negra, e abordar como o racismo institucional está imbricado na maioria das ações governamentais, o qual norteia uma sociedade baseada no privilégio e na violação de direitos.

Assim supera os preconceitos, minimiza a violência, propicia atividades enriquecedoras para os jovens, trabalhando na formação de cidadãos críticos, que sejam conhecedores da sua história, buscando a dignidade e a valorização dos seus costumes, religião e ancestralidade, indo a contrapartida com que a ideologia dominante impõe o culto do “ter” e não do “ser”, o que é definido por Stuart Hall, como “crise de identidade”.

Diante dessa discussão ficam nítidas como as teorias racistas ainda circulam em nossos tempos e como a nossa cidade Salvador, está crescentemente mais violenta, assim como o restante do país, onde a população que vive com renda mínima, desprovida de direitos é a mais afetada com a violência, que atinge a população negra de forma fatal.

Podemos ressaltar ainda que a intervenção nas oficinas tinha um importante viés multidisciplinar e foi realizada por bolsistas do Programa Conexões de Saberes, pertencentes a diferentes cursos de graduação na UFBA, que ministravam disciplinas de Ciências Humanas, Exatas e Biológicas, bem como Ações Afirmativas.

Em uma das oficinas de Ações Afirmativas trouxemos a análise sobre letras de músicas e estilos musicais como o RAP, dialogamos conceitos trazidos na luta por cotas, e um dos principais recursos didáticos utilizados foi a letra da música “Quadro Negro” do grupo de RAP Simples Reportagem¹² que traz reflexões sobre o sujeito e a educação dizendo que:

¹ Grupo de RAP que fez show na Calourosa da UFBA no ano de 2005, com o tema Ações Afirmativas, tocando a música Quadro Negro, e desenvolveu um projeto com o nome da

“Se a vida é uma escola toda escola tem seu quadro/Quadro negro, formato quadrado/Nele reescrevo a minha história, faço um diário/Na minha lista negra só tem revolucionário/Marias guerreiras das periferias você tem que ver/Os guerreiros do passado e os atuais do MST/Os homossexuais que resistem com dignidade/Crioulos e indígenas que adentram as faculdades”
<http://www.simplesrap.com/search/label/Letras>

Esse trabalho de cunho qualitativo cercou-se de várias etapas para a sua realização. Na primeira, houve o reconhecimento da comunidade onde o programa está inserido, o contato com a instituição parceira (Fundação Pierre Verger), o mapeamento do histórico da comunidade e a inscrição das pessoas nas Oficinas, seguida de seleção e resultados dos contemplados a participarem das atividades, e como não havia vagas para todos, a seleção foi efetivada a partir do perfil sócio-econômico, gênero, raça e interesse do estudante para a participação. Logo após, ocorreu à aula inaugural aberta para a comunidade com a presença dos coordenadores, bolsistas, para explicar os objetivos, as finalidades do programa, os principais resultados esperados ao longo do ano e a organização de um cronograma de atividades para o planejamento do ano letivo.

Em outra etapa, buscamos efetivar as nossas atividades com o desenvolvimento das oficinas diariamente. Por fim, foram construídos relatórios a partir das atividades desenvolvidas.

Considerações

Ao abordarmos as questões aqui descritas, que foram trabalhadas nas oficinas de formação na Comunidade do Engenho Velho de Brotas, percebemos que os sujeitos têm conhecimento da realidade alarmante vivenciada por grupos marginalizados, justamente por isto tentam distanciar-se destes grupos de que fazem parte muitas vezes, a fim de não serem identificados como pertencentes a ele e, conseqüentemente, sofrer com a exclusão e o preconceito. Desta forma, procuramos constatar quais representações a respeito dos grupos étnicos excluídos circulam na comunidade para trabalharmos com contra-representações positivas, pois compartilhamos da idéia de que tanto as representações, quanto a identidade, não são fixas, e sim, construídas e reconstruídas nos e pelos indivíduos, podendo desta forma ganhar outros sentidos.

música, onde trabalhava com jovens estudantes temas como: educação, ações afirmativas, cotas, gênero e raça.

Para nós, atuantes nessa pesquisa, foi impossível sairmos isentas aos resultados do processo, sendo a palavra “comprometimento” a que melhor determina o que foi vivido. A nossa determinação e crença no trabalho realizado foi à base desta pesquisa, já que somos estudantes negras e, também, moradoras de comunidades populares. Constatamos experiências positivas do Programa Conexões de Saberes em que atuais monitores do Programa já foram estudantes do cursinho anteriormente, e hoje representam nas comunidades onde vivem exemplos de luta, de pessoas que são das comunidades populares e atingem seus objetivos, e reproduzem o resultado de lutar contra as discriminações e ter auto estima.

Constatou-se, ao final, que a imagem que os alunos fazem sobre as Ações Afirmativas, demonstra desconhecimento e, quando conhecidas parcialmente, elas são negativas; isso se dá pela falta de informação e/ ou informações distorcidas que levam ao entendimento destas como uma mera ajuda. Nota-se, assim, a necessidade de uma discussão ampla e desprovida de preconceitos sobre as Ações Afirmativas, além do aumento das atividades de extensão universitária, principalmente em comunidades populares (como faz o programa *Conexões de Saberes*), para que informação, teoria e prática encontrem-se em um mesmo espaço de saber. Por isso, nossas práticas nas oficinas enfatizaram sempre a sua perspectiva anti- assistencialista, pois acreditamos que na medida em que avançamos devidamente com as políticas afirmativas, contribuímos na construção de identificações positivas, como intentamos fazer na comunidade através deste projeto, colaborando ainda no processo de *empoderamento* destes sujeitos para que eles mobilizem-se em prol de seus direitos.

Acreditamos que será apenas através dessas reflexões e da efetiva experiência e do convívio “outro” e com o “outro” que realizaremos juntos descobertas, aprendizagens, construindo um conhecimento plural, transformador, fruto de uma cooperação mútua que não anula as diferenças e potencializa as diversidades.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. “*Pedagogias da Sexualidade*”. IN: LOURO, G, L.O *corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MUNANGA, Kabengele. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. 2. ed. Salvador. Editora: EDUFBA.2004.p .31-36

SIMPLES REPORTAGEM. Quadro Negro. Disponível em: <http://www.simplesrap.com/search/label/Letras>. Acesso em: 30 de maio de 2010



Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 10, agosto, 2010 - ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com.br

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidades, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SOUZA E SILVA, Jailson de. *“Por que uns e não outros?” caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.
